

VITRINE DE CURIOSIDADES

LIVRO DE CHEQUES E CADERNETA DO BANCO DO FAIAL PERTENCENTES AO MAESTRO FRANCISCO DE LACERDA

Lisboa (Of. Pap. Luzo-Brazileira, Lisboa), séc. XX (c. 1931)

Papel impresso e cartolina, 262 x 79 mm; 107 x 174 mm

MAH.FL.8403 / 8298

Quantos de nós se recordarão do último cheque que passaram? Quiçá do cheque usado no ato de compra da moradia! A verdade é que não foi há muito tempo que deixámos de “passar cheques”; ou seja, de preencher documentos cedidos pelos nossos bancos, com os valores em algarismos e por extenso, os nomes completos de destinatários e as nossas assinaturas, para fazermos pagamentos mais vultosos. O contacto de um cartãozinho de plástico, ou nem isso, substituiu todo esse ritual.

Seria, pois, expectável encontrar já vários exemplares destas formas de papel-moeda nos arquivos e nos museus, e, no entanto, estes parecem constituir ainda uma raridade, muito provavelmente pela delicadeza do assunto envolvido (o dinheiro ou a (des)fortuna pessoal). Daí o destaque dado a este Livro de Cheques e Caderneta do Banco do Faial, da Agência de Lisboa, com registos datados de dezembro de 1931 a julho de 1932, pertencentes ao espólio do maestro jorgense Francisco de Lacerda (1869-1934), que atualmente integra Centro de Documentação do Museu de Angra do Heroísmo.

Francisco de Lacerda regressara a Lisboa, em 1928, por motivos de saúde, abandonando a sua carreira internacional. Ainda assim, participaria ativamente na representação portuguesa na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, em 1929, e presidiria à Comissão das Festas da Cidade do Funchal, em 1932. Pela mesma altura, procuraria a cura para a doença que o acometia, na Ilha da Madeira, mas esta acabaria por vencê-lo em 1934.

O Maestro usaria apenas 3 cheques deste livro, enquanto a caderneta registava os seus levantamentos no Funchal, entre janeiro e julho de 1932.

É curiosa esta ligação ao Banco do Faial, que fora fundado a 5 de junho de 1922, com sede na cidade da Horta, e que vai servir a ilha até 1946, período durante o qual se expande com a abertura de agências ou representações nas outras ilhas dos Açores, na Madeira, em Lisboa e no Porto, e em algumas praças de cidades europeias e americanas, apesar das instabilidades financeiras que a região e o país enfrentaram então.

Recorde-se que nos alvares dos anos 30 do século passado, Portugal saía de uma profunda crise económica e entrava na estabilidade de um regime ditatorial, animando-se com algumas expectativas de desenvolvimento, que se estampavam nos emblemas das instituições – neste caso, o caduceu e a foice, entrecruzados sobre a roda dentada, símbolos da indústria, do comércio e da agricultura, encimados pelo símbolo regional, o açor.